

Afeto e escola:

O papel da afetividade na aprendizagem

Sabrina de Azevedo Soares

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o papel da afetividade na aprendizagem e investigar de que maneira a afetividade ajuda no desenvolvimento do indivíduo. A mediação pedagógica é de natureza afetiva e, dependendo da forma como se desenvolve, pode produzir impactos afetivos, positivos ou negativos, na relação entre os alunos e os diversos saberes escolares desenvolvidos. A fundamentação teórica apoiou-se em autores que vêm discutindo o papel da afetividade na vida do indivíduo, tais como Piaget (1970), Wallon (1971) e Vygotsky (1991). Por meio das leituras dos autores selecionados, foi possível perceber que a relação adequada entre professor e aluno possibilita uma aprendizagem mais significativa. A segunda parte do artigo discute a relação entre afetividade e cognição. Apresenta também o papel da afetividade na relação entre professor e aluno. Por último, é feita uma reflexão sobre a importância de valorizar a afetividade na escola.

Palavras-chave: Afetividade. Escola. Cognição.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of affectivity in learning and to investigate how affectivity helps in the development of the individual. Pedagogical mediation is affective in nature, and depending on how it is developed, it can produce affective impacts, positive or negative, in the relationship between students and the various school knowledge developed. The theoretical foundation was supported by authors who have been discussing the role of affectivity in the individual's life, Piaget (1970), Wallon (1971) e Vygotsky (1991). Through the readings of the selected authors, it was possible to perceive that the adequate relationship between teacher and student enables a more meaningful learning. The second part of the article discusses the relationship between affectivity and cognition. It also presents the role of affectivity in the relationship between teacher and student. Finally, a reflection is made on the importance of valuing affectivity at school.

Keywords: Affectivity. School. Cognition.

INTRODUÇÃO

Afetividade é a mola propulsora da aprendizagem, e a relação entre docente e discente é fundamental para que isso aconteça. O professor não deve apenas ensinar o conteúdo da disciplina em suas aulas. Deve ensinar a turma a buscar respostas para seus questionamentos e ter com seus alunos uma relação afetiva.

As relações de afeto permeiam a escola dentro e fora de seus muros. A elaboração dessa pesquisa partiu da vontade de investigar como as relações de afeto podem interferir na aprendizagem e como o professor pode impactar positiva ou negativamente a vida de um aluno, uma vez que é através da afetividade que a aprendizagem é facilitada e se torna significativa

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel da afetividade no relacionamento docente e discente. O artigo será dividido em três objetivos específicos: discutir a contribuição da afetividade no processo de aprendizagem, refletir sobre a importância de valorizar a afetividade na escola e, por último, investigar de que maneira o afeto ajuda na aprendizagem. A escolha do tema justifica-se pela inquietação da autora em como trabalhar a afetividade no dia a dia da sala de aula. Os resultados deste estudo poderão contribuir com outros profissionais, dando-lhes um suporte, mostrando como a afetividade pode influenciar no processo de aprendizagem.

Os principais autores utilizados foram Piaget (1970), Wallon (1971) e

Vygotsky (1991). Por meio das leituras dos autores selecionados, foi possível perceber que a relação adequada entre professor e aluno possibilita uma aprendizagem mais significativa.

A AFETIVIDADE E SEUS TEÓRICOS

Ao contrário do que muitos pensam, a afetividade não é sinônimo de amor, carinho, abraços e beijos. A afetividade não é composta apenas por sentimentos positivos. A afetividade pode ser definida como “a capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente, tanto por sensações internas como externas. É um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua juntamente com a cognição e o ato motor, na construção do conhecimento.” (SALLA, 2011, p.108)

De acordo com Antunes (2008), o ser humano nasce frágil e, para sua sobrevivência, necessita de cuidados. Para o autor,

a origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência. (ANTUNES, 2008, p.1)

A educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos professores. Para Wallon (1971), o termo afetividade corresponde às primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta, sendo essas manifestações de tonalidades afetivas ainda em estágio primitivo, de base orgânica. Com o desenvolvimento, a afetividade passa a ser influenciada pela ação do meio ambiente.

O autor acrescenta que a constituição biológica da criança não será a única lei de seu destino; ela passará por uma série de transformações e também fará escolhas pessoais. Ele também afirma que as emoções aparecem desde o nascimento do indivíduo e são a exteriorização da afetividade e a expressão corporal e motora.

Para Wallon (1971), a emoção é um instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e, por sua vez, também a afetividade, em que as emoções se manifestam. A afetividade está presente em toda a vida do indivíduo, desse modo, deve ser levada em conta em todos os estudos sobre o desenvolvimento humano.

A AFETIVIDADE PARA PIAGET, WALLON E VYGOTSKY

Jean William Fritz Piaget, psicólogo, biólogo e filósofo, nasceu na Suíça, em 1896. É mundialmente conhecido por ter escolhido a criança como seu objeto de estudo. Os estudos piagetianos não têm a afetividade como base, mas consideram o afeto como algo fundamental para o desenvolvimento cognitivo.

Sem o afeto não haveria interesse, necessidade e motivação para aprender.

Segundo Piaget (1970), afeto e cognição apesar de distintos, são inseparáveis. Assim, as condições intelectuais são permeadas pelo aspecto afetivo (interesse, esforço e motivação). No início da vida, a afetividade tem base orgânica, posteriormente o indivíduo passará a ser influenciado pelo meio social. E segundo Dantas *et al.* (1992), todo ser humano sofre influências do meio em que está inserido:

Piaget escreveu que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas”. O autor é conhecido por não levar em consideração os fatores sociais no desenvolvimento humano, mas o pouco estudo que ele fez em cima das questões e influências da relação fatores sociais e desenvolvimento humano vão ser de suma importância para o estudo do tema. (DANTAS, 1992, p.11)

Outro autor importante é Lev Vygotsky (1991), que discute sobre fatores biológicos e sociais no processo de formação do indivíduo. Para ele, o aluno não nasce com o conteúdo internalizado em sua mente; o conteúdo deve ser adquirido. Mas somente transmitir o conteúdo não é o bastante: a socialização com o professor e seus pares, a discussão e troca de ideias são ações fundamentais para que o conteúdo se fixe de forma que o aluno consiga elaborar com suas próprias palavras o que foi aprendido.

Vygotsky (1991) entende que a base do pensamento é afetiva-volitiva, ou seja, existe uma relação muito grande entre o afeto que o discente tem pela matéria e/ou

Vygotsky (1991) entende que a base do pensamento é afetiva-volitiva, ou seja, existe uma relação muito grande entre o afeto que o discente tem pela matéria e/ou professor (a) com a vontade de aprender/entender. Se não se sentem confortáveis, os estudantes não estarão aptos o suficiente para entender o conteúdo abordado.

professor (a) com a vontade de aprender/entender. Se não se sentem confortáveis, os estudantes não estarão aptos o suficiente para entender o conteúdo abordado.

Já Henri Wallon (1975) elaborou uma teoria psicogenética para explicar sua visão sobre a afetividade no processo de desenvolvimento cognitivo. O autor foi o primeiro a levar em consideração as emoções dentro da sala de aula. Para ele, a construção do sujeito e do objeto depende da alternância entre afetividade e inteligência. As ideias wallonianas são baseadas em quatro elementos básicos: afetividade, movimento, inteligência e formação; para ele, esses elementos se comunicam o tempo inteiro.

Segundo Wallon (1995), o desenvolvimento humano acontece em cinco estágios, nos quais são expressas as características de cada espécie e são revelados todos os elementos que constituem a pessoa:

- impulsivo-emocional (de 0 a 1 ano): onde o sujeito revela sua afetividade por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal;
- sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos): a criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio;
- personalismo (3 a 6 anos): fase da diferenciação, da formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”;

- categorial (6 a 10 anos): organização do mundo em categorias leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”;
- puberdade, adolescência (11 anos em diante): acontece uma nova crise de oposição, ou seja, o conflito eu-outro retorna, desta vez como busca de uma identidade autônoma, o que possibilita maior clareza de limites, de autonomia e de dependência. (MAHONEY & ALMEIDA, 2005, p.22 apud BARBOSA, s.d)

Em todos esses estágios, segundo a teoria de Wallon, a afetividade está presente, em maior ou menor grau, uma vez que a afetividade está presente em toda a vida do sujeito.

A Teoria da Afetividade veio questionar o ensino tradicional e o autoritarismo presente na sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DO AFETO

No início de todo o desenvolvimento humano, a criança deve ser inserida em ambientes que proponham momentos de relações afetivas desde a tenra idade. Ao nascer, ela é totalmente dependente dos adultos, e é a partir desse contato que as trocas afetivas começam a acontecer. O afeto é essencial para o

ser humano: uma vez que as relações afetivas contribuem para o desenvolvimento, ele nos dá coragem, motivação e interesse. É essencial para as crianças, pois elas precisam sentir-se seguras para desenvolver seu aprendizado.

Segundo Wallon (1971), é pela afetividade que a consciência se transforma em sociabilidade. As emoções funcionam como um elo entre o indivíduo e o meio em que está inserido. Desse modo, a criança pode absorver os aspectos positivos ou negativos. É preciso oferecer, já na Educação Infantil, um ambiente afetivo, que possibilite a interação e a troca entre crianças e professores e entre as crianças e seus amigos.

Além disso, o docente deve estar atento ao seu aluno, observar e considerar seus estados emocionais. Cabe a ele observar os educandos em sua totalidade, não apenas se preocupar com o ato de ensinar. O professor deve entender os sentimentos dos seus alunos, buscar ações e intervenções para as diversas dificuldades que podem apresentar. Todas as suas ações devem ser permeadas pela afetividade.

A importância da relação entre docente e discente deve ser vista como um ponto essencial para o desenvolvimento do aluno, uma vez que educar não é apenas passar informações. É ajudar a criança a tomar consciência de si, dos demais e da sociedade.

AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Desde muito tempo, a escola tem como função preparar o indivíduo para a vida, mas será que ela tem desempenhado esse papel? A avaliação, as dificuldades de aprendizagens, as notas e o desempenho do aluno: como a escola lida com esses aspectos?

A mediação pedagógica é de natureza afetiva, e, dependendo da forma como se desenvolve, pode produzir impactos afetivos, positivos ou negativos, na relação entre os alunos e os diversos saberes escolares desenvolvidos. A relação de afeto faz total diferença no processo de aprendizagem; por isso, a educação da emoção deve ser incluída entre as ações pedagógicas.

Wallon (1995) considera que a afetividade e a inteligência não podem ser dissociadas. Na perspectiva walloniana, emoção e cognição coexistem no indivíduo em todos os momentos, embora o autor defenda um domínio alternado nas etapas.

Henri Wallon compartilha com Piaget e Vygotsky a ideia de que razão e emoção estão intrinsecamente interligadas. Para Vygotsky (1991), só é possível ter uma compreensão completa sobre o pensamento humano quando se tem compreensão sobre sua base afetiva, ou seja, para ele, as razões que impulsionaram o pensamento encontram suas origens nas emoções do indivíduo.

O ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural,

sua noção de cérebro pressupõe um sistema aberto, de grande plasticidade. (VYGOTSKY, 1991, p. 37).

Para Jean Piaget (1970), existe um dualismo entre razão e emoção e os dois termos são complementares: a afetividade seria como uma energia, que move a ação, e a razão seria o que possibilita o sujeito identificar desejos e sentimentos. O autor nos advertiu que, apesar de diferentes em sua natureza, afetividade e cognição são inseparáveis. De acordo com Piaget, do mesmo modo que não existem estados afetivos sem cognitivos, não existem comportamentos puramente cognitivos.

RELAÇÃO AFETIVA DOCENTE-DISCENTE

No contexto escolar, a relação afetiva entre docente e discente favorece o desenvolvimento e o aprendizado. O afeto é importante para que o profissional seja considerado um bom educador e para que o aluno se sinta valorizado e importante. O docente é parte fundamental no processo de construção da autoestima e autoimagem do aluno.

No contexto sociocultural, os responsáveis legais e os educadores são figuras importantes na mediação dos filhos/alunos com objetos culturais. Para Almeida (2012), "a inteligência tem no desenvolvimento a função de observar o mundo exterior para descobrir, explicar e transformar os seres e coisas". Segundo Wallon (1975), é a partir dessa inserção cultural que o homem se desenvolve como ser humano.

As relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades, devem ser sempre permeadas por sentimentos positivos, como acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além da compreensão, aceitação e valorização. Para Libâneo (1994), a afinidade entre educador e educando faz parte da qualidade do processo educativo, uma vez que dinamiza e dá definição ao aprendiz. Para que essa afinidade aconteça, o professor deve descobrir quem é cada aluno partindo da realidade dele, aproveitando suas experiências de vida, colocando-o em relação com seus pares. No entanto, é válido ressaltar que a afetividade entre professor e aluno necessita estar voltada para o processo de ensino; a afinidade materna ou paterna carece ser deixada para as famílias.

É possível fazer com que os alunos associem emoções positivas com determinado conteúdo ensinado, gerando assim motivação para continuar aprendendo. Por outro lado, é possível causar emoções negativas e gerar repulsa. Todos os estímulos geram respostas emocionais, sejam eles positivos ou negativos.

Não se quer dizer, com isso, que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do aluno, durante sua vida escolar, mas sim que o papel do educador é de vital importância, seja como pessoa, seja como profissional (NÓVOA, 1995). Isto posto, o modo como se coloca diante dos conflitos e como os resolve reflete na relação do aluno com a aprendizagem e com os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre o quanto a afetividade pode influenciar na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo. A afetividade, principalmente na Educação, envolve acreditar que o indivíduo é capaz de ser autônomo nas resoluções de problemas e ser socialmente participativo nas relações com o meio.

Podemos ver os inúmeros benefícios que a afetividade pode trazer para a educação. O afeto é como se fosse um mediador. É uma energia que desperta o interesse e transforma as informações em conhecimento.

Através desta pesquisa, concluiu-se que a escola precisa colaborar para o crescimento do aluno como um todo, não apenas transmitindo conhecimento. A sala de aula precisa ser espaço de humanização, e a afetividade, usada em favor da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Ed. Papyrus, 2012.

ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. São Paulo: Ática, 2008.

BARBOSA, I. P. **A importância da afetividade para uma aprendizagem significativa**. s.d. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-afetividade-para-uma-aprendizagem-significativa.htm>>. Acesso em: 09/02/2022.

DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. de; LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Ed Cortez, 1994.

NÓVOA, A. (coord.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SALLA, F. O que afeta a criança. **Revista Nova escola**. São Paulo: Moderna, ano XXVI, nº 247, p.108-110, out. 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

SOBRE A AUTORA

Sabrina de Azevedo Soares é graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduanda em Psicopedagogia. Atualmente é professora de Língua Inglesa na rede particular de ensino em Niterói/RJ.